

COMO NASCEU (o MOFRA)

Por volta de 1945, em Belo Horizonte, foram iniciadas algumas reuniões espíritas em casa de Jair Soares. Ali, recebemos uma mensagem do espírito de Altino que nos disse:

- Minha missão entre vocês é de fraternidade e amor. Pretendemos organizar um movimento de renovação que se estenderá por todo o Brasil.

Essa mensagem passou despercebida por muitos anos.

Tempos depois, por intermédio de Amaury, falou-nos demoradamente o espírito de Victor Hugo, fato que relatamos de maneira incompleta no **Materializações Luminosas**, por não nos permitirem os espíritos que disséssemos mais. O grande gênio universal contou-nos que havia se realizado em certa época uma reunião no plano espiritual e que ficou decidido que espíritos se reencontrariam para descer à Terra a fim de lançar um movimento de grandes proporções. Descreveu-nos o futuro e abriu nossos olhos para o que viria.

Falou-nos que entidades elevadas viriam auxiliar a eclosão do movimento e que Jesus, do plano superior, velaria por todos. Muitas coisas nos contou ele, fatos extraordinários, que não estamos autorizados, até o momento, a revelar.

De tempos a tempos alguém se aproximava de nós e o espírito do Altino nos falava quem era ele e nos dizia que colocássemos essa pessoa em contato com outros companheiros, muitas vezes situados em outras cidades do Brasil. Então, comumente, encaminhávamos essa pessoa com uma carta ou cartão, procurando sempre estabelecer ligação com nossos amigos de Belo Horizonte, e aí afirmávamos. “Esse é um dos nossos”.

De fato era.

Durante anos a rede foi sendo trançada. Em Belo Horizonte, o médium Ênio Wendling e outros desenvolviam a sua mediunidade de efeitos físicos. Em 1946, Chico Xavier enviou para a casa do Jair, o médium Fábio Machado com recomendação de que dispunha de apreciáveis dotes mediúnicos de efeitos físicos.

Realmente, a assombrosa mediunidade do Fábio desenvolveu-se no clima maravilhoso das reuniões da rua Paraisópolis e atraiu centenas de companheiros.

Trabalhos de materializações, curas de doentes, etc. Ênio Wendling continuava prestando seus serviços com sua imperturbável serenidade de cristão humilde e bom. Fábio, uma explosão mediúnica, inundava de luz as reuniões. Joseph Gleber, José Grosso, Palminha, Fritz, Scheilla mantinham a vibração e o entusiasmo com a palavra afetuosa evangélica, alegre, e com a presença materializada.

Animados e felizes com nossos trabalhos, começaram lentamente e espontaneamente a se organizar outros grupos pelo Estado de Minas e depois em outros, ligados ao Grupo Scheilla. Os elementos de fora vinham, assistiam às reuniões do Scheilla, recebiam benefícios, entusiasmavam-se e fundavam grupos semelhantes. Às vezes, os espíritos estimulavam-nos a fundarem grupos, fato é que em breve havia doze grupos em funcionamento. O grupo Scheilla recebia cartas e mais cartas, e Jair Soares

se desdobrava para atender a correspondência e para receber os hóspedes que chegavam de toda a parte. Dona Ló, sua esposa dedicada, e seus filhos abriam os braços e as portas da sua casa para atender a todos. A luta tornou-se intensa, sacrificial. Jamais aquelas criaturas tiveram um gesto de desagrado. Sentiam, isto sim, quando alguém que ali costumava se hospedar ia para outra parte.

(Descrição de Américo Rafael Ranieri, 1946 – *O raiar do Movimento da Fraternidade* -
– cópia da original, com ligeiras correções para a atual gramática da Língua Portuguesa).